



A Santa Sé

PAPA BENTO XVI

AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 7 de Janeiro de 2009

São Paulo (17)

O culto espiritual

Queridos irmãos e irmãs!

Nesta primeira Audiência geral de 2009, desejo formular a todos vós fervorosos bons votos para o novo ano que acaba de iniciar. Reavivemos em nós o compromisso a abrir a Cristo a mente e o coração, para sermos e vivermos como seus verdadeiros amigos. A sua companhia fará com que este ano, apesar das suas inevitáveis dificuldades, seja um caminho cheio de alegria e de paz. De facto, só se permanecermos unidos a Jesus, o ano novo será bom e feliz.

O compromisso de união com Cristo é o exemplo que nos oferece também São Paulo. Prossequindo as catequeses a ele dedicadas, detemo-nos hoje a reflectir sobre um dos aspectos importantes do seu pensamento, o relativo ao culto que os cristãos são chamados a praticar. No passado, agradava falar de uma tendência bastante anticultural do Apóstolo, de uma "espiritualização" da ideia do culto. Hoje compreendemos melhor que Paulo vê na cruz de Cristo uma mudança histórica, que transforma e renova radicalmente a realidade do culto. Há sobretudo três textos da *Carta aos Romanos* nas quais sobressai esta nova visão do culto.

1. Em *Rm* 3, 25, depois de ter falado da "redenção realizada por Jesus Cristo", Paulo continua com uma fórmula para nós misteriosa e diz assim: Deus "preestabeleceu-o para servir como instrumento de expiação por meio da fé, no seu sangue". Com esta expressão para nós bastante inusual "instrumento de expiação" São Paulo menciona o chamado "propiciatório" do templo antigo, isto é a tampa da arca da aliança, que era considerada ponto de contacto entre Deus e o

homem, ponto da Sua presença misteriosa no mundo dos homens. Este "propiciatório", no grande dia da reconciliação "*yom kippur*" era aspergido com o sangue de animais sacrificados sangue que simbolicamente levava os pecados do ano transcorrido ao contacto com Deus e deste modo eram lançados no abismo da bondade divina, como que absorvidos pela força de Deus, superados, perdoados. A vida começava de novo.

São Paulo menciona este rito e diz: Este rito era expressão do desejo de que se pudessem realmente lançar todas as nossas culpas no abismo da misericórdia divina e assim fazê-las desaparecer. Mas com o sangue de animais não se realiza este processo. Era necessário um contacto mais real entre culpa humana e amor divino. Este contacto teve lugar na cruz de Cristo. Cristo, verdadeiro Filho de Deus, que se fez homem verdadeiro, assumiu em si todas as nossas culpas. Ele próprio é o lugar de contacto entre miséria humana e misericórdia divina; no seu coração dissolve-se a massa triste do mal realizado pela humanidade, e renova-se a vida.

Revelando esta mudança, São Paulo diz-nos: com a cruz de Cristo o acto supremo do amor divino tornado amor humano o velho culto com sacrifícios dos animais no tempo de Jerusalém terminou. Este culto simbólico, culto de desejo, agora é substituído pelo culto real: o amor de Deus encarnado em Cristo e levado a cumprimento com a morte na cruz. Portanto esta não é uma espiritualização de um culto real, mas ao contrário o culto real, o verdadeiro amor divino-humano, substitui o culto simbólico e provisório. A cruz de Cristo, o seu amor com a carne e com o sangue é o culto real, correspondendo à realidade de Deus e do homem. Antes da destruição externa do templo para Paulo a era do templo e do seu culto já tinha terminado: Paulo encontra-se aqui em perfeita sintonia com as palavras de Jesus, que tinha anunciado o fim do templo e outro templo "não construído por mãos humanas" o templo do seu corpo ressuscitado (cf. *Mc 14, 58; Jo 2, 19ss.*). Este é o primeiro texto.

2. O segundo texto sobre o qual hoje gostaria de falar encontra-se no primeiro versículo do capítulo 12 da *Carta aos Romanos*. Ouvimo-lo e repito-o de novo: "Exorto-vos, portanto, irmãos, pela misericórdia de Deus, a que ofereçais os vossos corpos como hóstia viva, santa e agradável a Deus: este é o vosso culto espiritual". Verifica-se nestas palavras um aparente paradoxo: o sacrifício normalmente exige a *morte* da vítima, mas Paulo fala dele em relação com a *vida* do cristão. A expressão "apresentai os vossos corpos", considerando o conceito sucessivo de sacrifício, assume a tonalidade cultual de "dar em oblação, oferecer". A exortação a "oferecer os corpos" refere-se a todas as pessoas; de facto, em *Rm 6, 13* ele convida a "apresentar-vos". De resto, a referência explícita à dimensão física do cristão coincide com o convite a "glorificar Deus no vosso corpo" (*1 Cor 6, 20*): isto é, trata-se de honrar Deus na existência quotidiana mais concreta, feita de visibilidade relacional e perceptível.

Um comportamento como este é qualificado por Paulo como "sacrifício vivo, santo, agradável a Deus". É aqui que encontramos precisamente o vocábulo "sacrifício". No uso corrente esta palavra faz parte de um contexto sacral e serve para designar a degolação de um animal, do qual

uma parte pode ser queimada em honra dos deuses e a outra ser consumida pelos oferentes num banquete. Paulo, ao contrário, aplica-o à vida do cristão. De facto, qualifica tal sacrifício servindo-se de três adjectivos. O primeiro "vivo" expressa uma vitalidade. O segundo "santo" recorda a ideia paulina de uma santidade relacionada não com lugares ou objectos, mas com a própria pessoa dos cristãos. O terceiro "agradável a Deus" talvez recorde a frequente expressão bíblica do sacrifício "em agradável odor" (cf. *Lv* 1, 13.17; 23, 18; 26, 31; etc.).

Logo a seguir, Paulo define assim este novo modo de viver: este é "o vosso culto espiritual". Os comentadores do texto sabem bem que a expressão grega (*ten logiken latreian*) não é fácil de traduzir. A Bíblia latina traduz: "*rationabile obsequium*". A mesma palavra "*rationabile*" aparece na Oração eucarística, o Cântico Romano: nele reza-se para que Deus aceite esta oferenda como "*rationabile*". A habitual tradução portuguesa "culto espiritual" não reflecte todas as conotações do texto grego (nem sequer do latino). Contudo não se trata de um culto menos real, ou até só metafórico, mas de um culto mais concreto e realista um culto no qual o próprio homem na sua totalidade de um ser dotado de razão, se torna adoração, glorificação do Deus vivo.

Esta fórmula paulina, que volta na Oração eucarística romana, é fruto de um longo desenvolvimento da experiência religiosa nos séculos anteriores a Cristo. Nesta experiência encontram-se desenvolvimentos teológicos do Antigo Testamento e correntes do pensamento grego. Gostaria de mostrar pelo menos alguns elementos deste desenvolvimento. Os profetas e muitos Salmos criticam bastante os sacrifícios cruentos do templo. Por exemplo, diz o *Salmo* 50 (49), no qual é Deus quem fala: "Se eu tivesse fome não o diria a ti, pois o mundo é meu, e o que nele existe. Acaso comeria eu carne de touros, e beberia sangue de cabritos? Oferece a Deus um sacrifício de confissão..." (vv. 12-14). No mesmo sentido diz o *Salmo* seguinte, 51(50): "Pois tu não queres um sacrifício e um holocausto não te agrada. Sacrifício a Deus é um espírito contrito, coração contrito e esmagado, ó Deus, tu não o desprezas" (vv. 18ss.). No *Livro de Daniel*, no tempo da nova destruição do templo por parte do regime helénico (séc. II a. c.) encontramos um trecho na mesma direcção. No meio do fogo isto é, na perseguição, no sofrimento Azarias reza assim: "Não há mais, nestas circunstâncias, nem chefe, nem profeta, nem príncipe, nem holocausto, nem sacrifício, nem oblação, nem incenso, nem lugar onde oferecermos as primícias diante de ti para encontrarmos misericórdia. Contudo com a alma quebrantada e o espírito humilhado possamos encontrar acolhida, tal como se viéssemos com holocaustos de carneiros e de touros... Tal se torne o nosso sacrifício hoje diante de ti, e se complete junto a ti..." (*Dn* 3, 38ss.). Na destruição do santuário e do culto, nesta situação de privação de qualquer sinal da presença de Deus, o crente oferece como verdadeiro holocausto o coração contrito o seu desejo de Deus.

Vemos um desenvolvimento importante, mas com um perigo. Há uma espiritualização, uma moralização do culto: o culto torna-se só uma coisa do coração, do espírito. Mas falta o corpo, falta a comunidade. Assim compreende-se por exemplo que o *Salmo* 51 e também o *Livro de Daniel*, apesar da crítica do culto, desejam que voltem os sacrifícios no templo. Mas trata-se de

um tempo renovado, um sacrifício renovado, numa síntese que ainda não era previsível, que ainda não se podia pensar.

Voltemos a São Paulo. Ele é herdeiro destes desenvolvimentos, do desejo do verdadeiro culto, no qual o próprio homem se torne glória de Deus, adoração viva com todo o seu ser. Neste sentido ele diz aos Romanos: "Oferecei os vossos corpos como sacrifício vivo...: este é o vosso culto espiritual" (*Rm* 12, 1). Paulo repete assim o que já tinha indicado no capítulo 3: o tempo de sacrifícios de animais, sacrifícios de substituição, terminou. Chegou o tempo do culto verdadeiro. Mas aqui há também o perigo de uma incompreensão: poder-se-ia interpretar facilmente este novo culto num sentido moralista: oferecendo a nossa vida fazemos nós o culto verdadeiro. Deste modo o culto com os animais seria substituído pelo moralismo: o próprio homem faria tudo sozinho com o seu esforço moral. E esta não era certamente a intenção de São Paulo. Mas permanece a questão: então como devemos interpretar este "culto espiritual, razoável"? Paulo supõe sempre que nós nos tornamos "um em Cristo Jesus" (*Gl* 3, 28), que morremos no baptismo (cf. *Rm* 1) e vivemos agora com Cristo, para Cristo e em Cristo. Nesta união e só assim podemos tornar-nos n'Ele e com Ele "sacrifício vivo", oferecer o "culto verdadeiro". Os animais sacrificados deveriam ter substituído o homem, o dom de si do homem, e não podiam. Jesus Cristo, na sua doação ao Pai e a nós, não é uma substituição, mas traz realmente em si o ser humano, as nossas culpas e o nosso desejo; representa-nos realmente, assume-nos. Na comunhão com Cristo, realizada na fé e nos sacramentos, tornamo-nos, apesar de todas as nossas insuficiências, sacrifício vivo: realiza-se o "culto verdadeiro".

Esta síntese está no final do Cântone romano no qual se reza para que esta oferenda se torne "*rationabile*" que se realize o culto espiritual. A Igreja sabe que na Santíssima Eucaristia a autooferação de Cristo, o seu sacrifício verdadeiro se torna presente. Mas a Igreja reza para que a comunidade celebrante esteja realmente unida com Cristo, seja transformada; reza para que nós próprios nos tornemos o que não podemos ser com as nossas forças: oferenda "*rationabile*" que apraz a Deus. Assim a oração eucarística interpreta de modo justo as palavras de São Paulo. Santo Agostinho esclareceu tudo isto de modo maravilhoso no 10º livro da sua *Cidade de Deus*. Cito apenas duas frases. "Isto é o sacrifício dos cristãos: mesmo sendo muitos somos um só corpo em Cristo"... "Toda a comunidade (*civitas*) remida, isto é a congregação e a sociedade dos santos, é oferenda a Deus mediante o Sumo Sacerdote que se doou a si mesmo" (10, 6: ccl 47, 27ss.).

3. Por fim, ainda uma breve palavra sobre o terceiro texto da *Carta aos Romanos* relativo ao novo culto. São Paulo diz assim no cap. 15: "a graça que me foi concedida por Deus de ser o ministro (*hierourgein*) de Cristo Jesus para os gentios, a serviço do Evangelho de Deus, a fim de que a oblação dos gentios se torne agradável, santificada pelo Espírito Santo" (15, 15s). Desejo realçar só dois aspectos deste texto maravilhoso e a terminologia única nas cartas paulinas. Antes de tudo, São Paulo interpreta a sua acção missionária entre os povos do mundo para construir a Igreja universal como acção sacerdotal. Anunciar o Evangelho para unir os povos na comunhão

de Cristo ressuscitado é uma acção "sacerdotal". O apóstolo do Evangelho é um verdadeiro sacerdote, faz o que é o centro do sacerdócio: prepara o verdadeiro sacrifício. E depois o segundo aspecto: a meta da acção missionária é podemos dizer a liturgia cósmica: que os povos unidos em Cristo, o mundo, se tornem como tal glória de Deus, "oblação agradável, santificada no Espírito Santo". Sobressai aqui o aspecto dinâmico, o aspecto da esperança no conceito paulino do culto: a autodoação de Cristo implica a tendência a atrair todos à comunhão do seu Corpo, de unir o mundo. Só em comunhão com Cristo, o homem exemplar, um com Deus, o mundo se torna assim como todos o desejamos: espelho do amor divino. Este dinamismo está sempre presente na Eucaristia este dinamismo deve inspirar e formar a nossa vida. E com este dinamismo começemos o novo ano. Obrigado pela vossa paciência.

© Copyright 2009 - Libreria Editrice Vaticana

©Copyright - Libreria Editrice Vaticana